

Percursos e reflexões de uma andarilha: um relato da Residência Social em São Brás de Alportel, Portugal

INTINERARIES AND REFLECTIONS OF A HIKER : A REPORT OF RESIDÊNCIA SOCIAL IN SÃO BRÁS DE ALPORTEL, PORTUGAL.

Fabiane Brasileiro Paranhos Neves¹

RESUMO

Esse trabalho é fruto da experiência da Residência Social do Mestrado Multidisciplinar e Profissionalizante em Desenvolvimento e Gestão Social do CIAGS/UFBA na organização Associação In Loco, em São Brás de Alportel, Algarve, Portugal, entre junho e julho de 2010. Em tal ocasião, tive a oportunidade de conhecer diferentes ações de desenvolvimento comunitário promovidos pela In Loco, despertando em mim a curiosidade sobre os modos como percebemos e enfrentamos problemas com alguns graus de semelhança. Neste Diário de Bordo, busco apresentar e refletir sobre o conhecimento experienciado e, em particular, discutir possíveis relações entre as ações de desenvolvimento local praticadas pela In Loco e as ações de um projeto brasileiro de intervenção comunitária no bairro do Calabar, em Salvador da Bahia, chamado Projeto Grãos, sob a minha coordenação.

Palavras-chave: desenvolvimento local; intervenção comunitária; aprendizagem e território

ABSTRACT

This article is result of the experience of Residência Social of Multidisciplinary Master's and Professional Development and Management of Social CIAGS / UFBA in the institution Associação In Loco, in São Brás de Alportel, Algarve, Portugal, in June and July, 2010. In such occasion, I had the opportunity to meet various actions of community development promoted by In Loco, awakening in me the curiosity about some ways like we perceive and confront problems with some degree of similarity. In this logbook I seek to present and reflect about the knowledge experienced and, in particular, discuss possible relations between local development actions committed by In Loco and actions of a Brazilian project of community involvement in the neighborhood of Calabar, in Salvador da Bahia, baptized Projeto Grãos, under my coordination.

Keywords: local development, community intervention, learning and territory

¹ Graduada em Letras Vernaculas pela Universidade Católica do Salvador (1998). Professora de diferentes segmentos da Educação. Atualmente é consultora associada da Avante Educação e Mobilização Social ONG, com experiência na área de Educação e Gestão Social. Mestranda em Desenvolvimento e Gestão Social pelo Centro Interdisciplinar de Desenvolvimento e Gestão Social - CIAGS da Universidade Federal da Bahia - UFBA.. E-mail: fabipneves@yahoo.com.br.

INTRODUÇÃO

Este presente relatório visa sistematizar a experiência vivenciada na viagem de Residência Social, ocorrida no período de 10 de junho a 01 de julho de 2010, na Associação In Loco, São Brás de Alportel, Algarve – Portugal.

“... mas a razão inicial de qualquer viagem é o desconforto tão próprio da ousadia e a insegurança inerente à aventura.” (BONDER, 2008)

Toda viagem requer planejamento, expectativa, arrumação de malas, despedidas... Essa viagem não foi diferente, mas contou com uma dose de ansiedade inicial pelo fato de ser a primeira viagem longe de casa por muito tempo e solitariamente envolvida numa tarefa cujos parceiros eram desconhecidos, ou conhecidos apenas virtualmente.

Seria uma aventura: desbravar caminhos desconhecidos, percorrer lugares nunca vistos e entrelaçar diálogos com pessoas estranhas, oriundas de um mundo pessoal e culturalmente diferente do meu.

A ousadia estava diretamente ligada ao fato de nunca ter trilhado um caminho como esse, sem a companhia de um amigo ou um companheiro de trabalho. O mundo que geralmente construímos numa viagem, seria construído apenas com os meus olhares e os meus sentimentos. Descobri depois que a ousadia dessa tarefa era a força que me impulsionava a cada momento desafiador ou de deleite dessa viagem.

Percebi que eu era uma peregrina em terras d'além mar. Uma andarilha observante dos lugares, costumes e pessoas de uma terra distante da minha. Descobri que ser andarilha era despir-se das amarras e escudos que construímos no dia-a-dia, era também descobrir caminhos que antes desconhecíamos e principalmente conhecermos a nós mesmos. Essa viagem foi um mergulho interior e um salto para olhar o que estava a minha volta com outros olhos e sentimentos.

Fui visitar a Associação In Loco, situada em São Brás de Alportel, Região do Algarve, no sul de Portugal. Encontrei essa associação através das indicações de leitura da professora Maria Teresa Ribeiro, minha orientadora, mais especificamente nas leituras do professor Boaventura de Sousa Santos. Ao tomar conhecimento das ações da In Loco em Portugal pude ver que o trabalho com as comunidades tinha entre outras intenções o fomento ao desenvolvimento comunitário participativo. Tema que me faz refletir e me permite esperar por um caminho alternativo na busca pela igualdade social.

São Brás de Alportel encontra-se no distrito de Faro, com uma área de 150 km² e tem uma população de 11.205 habitantes no último censo (2004). Antigamente a economia baseava-se na extração e manipulação da cortiça. De

acordo com o site Wikipédia, “os sucessivos governos de Lisboa nunca gostaram de uma economia forte no sul do país e desde sempre estiveram interessados que este setor fosse transferido para o interior e norte do país”.

O trabalho da In Loco, mais especificamente no Projeto Radial, se assemelhava muito com o que eu venho desenvolvendo na comunidade do Calabar (Projeto Grãos – Cultivando em parceria para colher autonomia) e por esse motivo escolhi esta instituição como intercâmbio de conhecimentos.

O Projeto Grãos, em sua primeira etapa, pretendeu começar uma ação para a melhoria efetiva da qualidade de vida dos moradores do Calabar. Inicialmente foi pensado como apoio à formação de uma associação de trabalhadores autônomos para 100 membros desta comunidade, particularmente jovens entre 18 e 24 anos e mulheres chefes de família. Para tanto, foram capacitados em 4 atividades produtivas distintas: paisagismo e jardinagem, corte e costura, elétrica predial e cozinha e congelamento. O Projeto ainda previu ações de fortalecimento à criação desses grupos, tais como: i) encontros de associativismo e cooperativismo onde os participantes discutiam sobre a estrutura associativa e cooperada, suas implicações, seus desafios e sobre a viabilidade econômica de cada empreendimento de acordo com suas particularidades; ii) encontros com uma psicóloga a fim de mediar possíveis tensões advindas da convivência em grupo e das especificidades pessoais de cada integrante e iii) encontros de família onde os participantes pudessem discutir assuntos pertinentes à comunidade que estavam inseridos e sobre o convívio familiar, tema repetidamente trazido como demanda nos encontros.

A Associação In Loco é uma entidade sem fins lucrativos, constituída em agosto de 1988, cuja missão é “Promover o desenvolvimento de base local com vista à melhoria da qualidade de vida nas suas múltiplas dimensões” e tem como visão: “um mundo participativo, solidário, sustentável”. A Instituição guia-se estrategicamente com base em cinco objetivos: i) Qualificar e organizar as pessoas e as Organizações; ii) Qualificar e valorizar o território de intervenção numa perspectiva de sustentabilidade; iii) Promover a cidadania ativa e solidária; iv) Incentivar e apoiar o empreendedorismo e a iniciativa local; v) Produzir conhecimento de apoio à intervenção.

Atualmente a Associação In Loco conta com 42 colaboradores em sua equipe, incluindo a prestadora de serviços gerais até o coordenador geral da Instituição. Há 22 anos atrás a Instituição recebia grande volume de recursos oriundos da União Européia cujos editais comungavam com os valores e missão da Associação. Entretanto, nos últimos anos houve uma diminuição de recursos oriundos da União Européia e a equipe da In Loco começou a ter dificuldades com a sustentabilidade econômica da Instituição. Em conversa com Nelson Dias, atual diretor geral, este relatou as dificuldades e desafios vivenciados por eles na última década.

Como forma de enfrentar esses desafios a Instituição vem prestando serviços a outros municípios e Entidades Públicas, de acordo com os estudos e os conhecimentos produzidos pelo Instituto ao longo do tempo. Um desses serviços é a orientação para o Orçamento Participativo, iniciativa conhecida e pesquisada no Brasil e desenvolvida também em Portugal.

Percorri os diferentes projetos da Instituição, pena que alguns ainda estavam em fase de construção ou fase inicial de recrutamento e seleção conforme as exigências dos editais. Conversei com os gestores dos projetos, mas aqueles que estavam em fase embrionária não pude vê-los acontecendo em prática.

Entretanto, o projeto pelo qual me interessei ainda no Brasil, consegui - além de entrevistar os gestores e alguns atores do Projeto - conhecer no território as empresas de alimentação (Pastelaria A Prova) que receberam o apoio da In Loco durante o Projeto Radial (Rede de Apoio ao Desenvolvimento Integrado do Algarve).

Antes da minha viagem de Residência Social conversei com as mulheres das cooperativas do Calabar com as quais trabalho no Projeto Grãos. Expliquei a minha ausência e o motivo da viagem. As mulheres da cooperativa de alimentos – COOPS (Cooperativa Pedacinhos de sabor) – escreveram cartas contando a experiência delas no grupo produtivo de alimentação no Calabar e também revelaram um pouco da vida pessoal de cada uma delas.

Com essa missão nas mãos, não poderia apenas entrevistar os coordenadores e professores do projeto e saber da gestão, dos desafios, dos aprendizados... Era preciso ir visitá-las, conhecê-las, entrevistá-las e principalmente fazer a ponte entre Azinhal e Calabar.

O Projeto Radial a que me refiro teve início por meio de recursos vindos da Fundação Bernard van Leer, uma Fundação holandesa que tinha como princípios a valorização das crianças e suas famílias em situação de vulnerabilidade social e econômica ao redor do mundo; sempre planejadas com base na intervenção comunitária.

Sabedores da missão da Fundação Bernard van Leer, Alberto Melo e Priscila Soares criaram o Projeto Radial – Rede de Apoio para o Desenvolvimento Integrado do Algarve. Este Projeto foi definido a partir da preocupação com a imigração das pessoas do campo na década de 50, “onde a zona Algarvia começou a parecer um deserto e as pessoas não se reconheciam moradores do Algarve; para elas Algarve era só o litoral”, de acordo com as lembranças de Priscila Soares.

Quando começamos o nosso trabalho na Serra do Caldeirão, ouvimos dizer muitas vezes: ‘na Serra só cá estão os que já foram ou os que ainda não são’. Não compreendemos de imediato, mas, pouco a pouco, descobrimos a amarga realidade do êxodo. A partir dos anos 60, a Serra foi-se esvaziando: hoje, há

freguesias reduzidas a 4 ou 5 habitantes por metro km². Foram-se os adultos e os jovens, os mais ativos, os mais dinâmicos. (SOARES, 2001)

Portanto, o Projeto Radial buscava a intervenção no campo, para que essa região fosse povoada e pudesse dar condições aos moradores de sobreviverem do próprio território. Para a In Loco a promoção do desenvolvimento local

é o conjunto dos seus colaboradores: é fundamental que possam adquirir conhecimentos, clarificar as suas concepções, aperfeiçoar-se tecnicamente, crescer enquanto pessoas, aprender a trabalhar e a decidir em conjunto, consolidar-se enquanto grupo, amadurecer uma visão e uma estratégia de intervenção coletivas. (SOARES, 2001)

Ao passo que eu ia fazendo as entrevistas e me aprofundando mais na experiência do Projeto Radial, as mulheres do Calabar vinham sempre em minha mente. Pude refletir acerca dos desafios, ora distintos dos de Portugal, e me distanciar um pouco das ações, o que me fazia enxergar os passos oportunos e as incongruências do Projeto Grãos no Calabar.

Foram pensadas em duas frentes para trabalhar no Radial: uma eram as crianças e a outra as mulheres. Dessa forma, o Projeto Radial iniciou suas ações nas freguesias de Loulé, Tavira, Vila Real, Santo Antônio, Castro Marinho e Azinhal. Entretanto, não era possível iniciar um trabalho de intervenção comunitária sem perguntar aos sujeitos envolvidos o que seria mais importante para eles intervir em suas comunidades. Logo descobriram que Educação e Emprego seriam os focos de intervenção. A estratégia inicial precisou ser repensada e foi estruturada finalmente com base em três vertentes: Animação Infantil, Emprego e Dinamização Comunitária.

Um dos principais desafios do Projeto Grãos foi a insuficiente mobilização para a escuta da comunidade frente à temática de geração de trabalho e renda. Os jovens do Calabar há três anos consecutivos participavam de Programas para o Primeiro Emprego visando prioritariamente inserção no mercado formal de trabalho. Ao buscarmos o apoio da associação de moradores para reunir as pessoas e discutir o assunto da geração de renda, apareceram apenas poucos jovens interessados em conversar sobre um assunto que não fosse sobre geração de renda focada em empregos formais. De acordo com Laville e França Filho,

Tanto em sua origem, na primeira metade do século XIX, como em seu recente ressurgimento, a economia solidária, mais uma vez constitui uma resposta ao agravamento da crise do trabalho (desde os 1980) e da crescente insatisfação com o desempenho do sistema público de seguridade social. (LAVILLE; FRANÇA FILHO, 2004)

O contingente de entrevistados não constituiu uma representação concisa e real dos moradores dessa comunidade. Ainda assim, sem tempo para mobilizar uma quantidade maior de pessoas com faixa etárias diferentes prosseguimos com a construção das estratégias norteadoras do Projeto Grãos baseadas naquele limitado grupo de entrevistados.

O Projeto Radial também se deparou com situação semelhante, apesar de que, eles não conheciam as pessoas das freguesias com que iam trabalhar e precisavam atingir o maior número possível de moradores.

“... depois de muito pensar e de alguns contatos, a solução a seguir impôs-se de imediato. E lá fomos nós acompanhar o carteiro na sua volta por toda a freguesia: entregamos o correio e a notícia fresca da reunião que ia ter lugar. Entramos na casa de toda a gente pela mão de alguém sempre benvindo: o homem que rompia o isolamento, que trazia consigo as novidades do mundo exterior”. (SOARES, 2001)

Quebradas as barreiras iniciais e despertadas as pessoas para a discussão da intervenção comunitária, foi sugerido que em cada freguesia fosse constituída uma associação de pessoas interessadas em pensar conjuntamente a assumir responsabilidades frente às ações de intervenção. Nos espaços reservados para a associação, em cada freguesia instauraram-se centros de animação infantil.

O Projeto Radial capacitou, com o apoio da Escola Superior de Educação de Faro, os animadores locais para gerirem os centros infantis, que eram chamados de CACO – Centro de Animação Comunitária. Nesses Centros eram feitas atividades lúdicas e pedagógicas com o foco na cultura local. Os animadores também eram jovens locais, que já tinham experiência com crianças ou que a comunidade legitimava como líderes; pois os profissionais não ficavam por muito tempo nessas freguesias. Esses animadores tinham uma formação continuada. Como os Centros necessitavam de autonomia, a IN LOCO fomentava que a Associação formada nas freguesias se responsabilizasse e gerisse os Centros.

Ainda de acordo com Priscila Soares, o maior desafio inicial foi democratizar as idéias do Projeto. Para a equipe do Projeto Radial,

“... pode falar de participação quem visa, empenhadamente, o envolvimento das pessoas na resolução dos seus problemas, deixando de as ver como ‘público alvo’ ou destinatárias de uma intervenção, para as encarar como sujeitos de um processo, que tem de ser o seu, e não o que os técnicos definiram para elas”. (SOARES, 2001)

Escolheram, portanto, uma metodologia participativa, onde os resultados estavam voltados para as respostas dos problemas enfrentados e para o crescimento pessoal e social de todos os envolvidos no processo que descobrem competências, ganham confiança, assumem responsabilidades e tomam iniciativas.

O outro desafio a ser encarado era a falta de emprego. As mulheres eram abandonadas na zona rural em virtude da migração dos maridos para o Algarve litorâneo. Geralmente tinham o nível de escolaridade muito baixo e/ou não sabiam nem ler nem escrever. Por isso, buscaram junto ao Ministério da Educação um curso de Educação de Adultos que tinha a intenção de gerar empregos (bordados, artesanatos, confeitaria, corte e costura...). Nestes cursos profissionalizantes também era conteúdo noções de gestão econômica, formação de empresas, estudos de viabilidade econômica, dentre outros, sempre voltados para a formação de empregos locais a partir do empreendedorismo empresarial.

Os grupos foram sendo formados inicialmente por mulheres, contudo, não havia a cultura de coletivo, de empresa, de regras, de normas, como aponta Manuel Soares, técnico do Projeto Radial e membro da Associação In Loco, em sua entrevista comigo.

Ainda de acordo com Manuel Soares, os maiores problemas partiam dessa ausência de cultura empreendedora. Os conflitos, então serviam para criar momentos de discussão e decisão com ou sem a presença dos técnicos que apoiavam o Projeto.

Um dos maiores desafios de todo o Projeto foi o subsídio dado a todas as mulheres que participavam da formação. Esse subsídio era oferecido com o intuito de comprarem matéria-prima para as empresas que seriam abertas depois que a formação acabasse. Mesmo tendo sido combinado com todos, que um terço do benefício recebido por cada participante fosse colocado em um fundo monetário gerido coletivamente por cada grupo, essa remuneração, depois avaliada pela equipe da In Loco como desnecessária, foi causadora de grandes conflitos e até de afastamentos de pessoas durante a formação ou posteriormente, das empresas. O que fazer com o recurso depositado no fundo, durante todo o processo de formação, quando havia desistência de alguém? Nem sempre esse questionamento era entendido com paciência e tranquilidade. Era sempre motivo de muita polêmica e desavenças!

Para acompanhar as questões técnicas de cada grupo (corte e costura, pastelaria, marcenaria, tecelagem...) foram trazidos os designers e tecelãs mais modernos e atualizados que existiam na época. Alguns grupos receberam apoio técnico de especialistas franceses, holandeses, espanhóis, sempre os mais cotados e competentes que havia na Europa.

Apesar dos desafios iniciais, todos os grupos conseguiram formar as suas empresas. Os fenômenos mais marcantes foram o aumento de confiança das mulheres que participavam e seus desdobramentos tanto na vida pessoal como na vida profissional. “Elas começaram a se arrumar mais, se vestir com vaidade, usar um brinco, um batom... Muitas mulheres nunca tinham saído das suas freguesias de onde nasceram e começaram a viajar o mundo com seus produtos. Outras aproveitavam o recurso ganho nas empresas e faziam viagens por Portugal e pela Europa com toda a família”, como relembra Manoel Soares.

O grupo que confeccionava bonecos de juta foi o que mais lucrou financeiramente e em tempo muito rápido. Esse grupo ganhou muito dinheiro. Chegaram a ter grandes encomendas para os Estados Unidos todos os meses.

O grupo de carpintaria também começou muito bem. A empresa foi montada com 8 jovens. Hoje, quase 15 anos depois, ainda há a empresa de carpintaria e eles fornecem móveis para as escolas e escritórios da região da Serra do Caldeirão.

A empresa de plantas aromáticas e medicinais também teve muito êxito! As empresárias viajaram o mundo todo em busca de investimentos e comercialização dos produtos. Os alemães adoravam os chás e chegavam a pagar toda a produção antes mesmo de serem produzidas.

O grupo de pastelaria fundou uma empresa chamada “A Prova”. Foi esse o grupo que despertou minha curiosidade e minha vontade de conhecer o trabalho da Associação In Loco. A seriedade e exigência com a qualidade dos artigos produzidos pelas mulheres que ficaram à frente deste grupo foi a base para a longevidade da empresa, segundo Priscila.

Apesar dos êxitos iniciais e da favorável comercialização dos produtos das diferentes empresas apoiadas pela Associação In Loco, alguns tropeços no caminho e no caminhar das empresas levaram a resultados inesperados. De acordo com a entrevista feita aos coordenadores do Projeto, alguns fatores contribuíram para a falta de êxito de determinadas empresas.

O primeiro entrave com as empresas foi justamente o subsídio dado aos participantes durante todo o processo de fomento e apoio à formação. Como os participantes tinham que depositar 1/3 do subsídio recebido em um fundo coletivo, ao haver desistência do projeto ou saída de alguém por qualquer motivo, o recurso investido no fundo era o centro dos conflitos. Alguns grupos preferiram devolver o recurso investido para o participante desistente, outros devolviam parte do recurso e outros ainda nada devolviam. Ao se depararem com essa situação os grupos foram tendo dificuldades de encontrar respeito e

segurança, ao tempo em que iam descobrindo a fragilidade no relacionamento entre os sócios.

Outro entrave relatado pelos entrevistados foi a saída de participantes jovens das empresas (por motivos diversos: inserção no mercado de trabalho, conflitos familiares, questões políticas...) ficando poucas mulheres e as mais velhas, que não tinham condição física para gerir uma empresa de médio porte; a exemplo da empresa de bonecos de juta, que foi perdendo as jovens e permanecendo apenas com poucas senhoras de idade, que não tinham mais o dinamismo necessário para organizar a empresa e pensar estrategicamente.

Ainda assim, os coordenadores do Projeto se perguntavam o que mais faltava, uma vez que havia mercado e competência na fabricação dos produtos. Chegou-se à conclusão de que não havia estratégias voltadas para ampliação de novos mercados, tão pouco movimentos para a fidelização do mercado já existente. O planejamento da produção também foi outro ponto frágil: na época de muita demanda (Feiras, verão, encomendas externas...) criava-se o mutirão para produzir o que era pedido, enquanto que na época de baixa demanda, os grupos ficavam apáticos e não aproveitavam para aumentar o estoque das empresas.

Programar e efetuar investimentos também eram encarados com grande reserva pelos grupos, portanto, modernizar o maquinário e estocar matéria-prima, fatores que contribuem para equilibrar a competitividade no mercado eram sempre vistos com cautela e quase nunca os grupos corriam os riscos financeiros necessários a um empreendimento. Por fim, a dificuldade em adotar métodos e instrumentos de gestão empresarial mais rigorosos como um plano de negócios e instrumentos de contabilidade que permitem ver a situação da empresa frequentemente fragiliza ainda mais o negócio.

A Prova também enfrentou esses desafios. Suas 3 sócias ainda contavam com dificuldades de ordem pessoal: Eduarda, inicialmente era uma mulher que não sabia se expressar, tinha medo de falar, vivia isolada em um monte, casada com um homem muito mais velho e tinha um filho com uma doença degenerativa que morreu aos 10 anos de idade. Anabela é mãe de 3 filhos e ficou viúva aos 30 anos e Madalena tem um relacionamento muito conflituoso com o marido.

A minha visita à A Prova foi muito interessante e também gratificante. Receberam-me com entusiasmo e ficaram encantadas com as cartas que eu levei escritas pelas mulheres do Calabar. Confessaram que adoravam o Brasil e que assistiam a todas as novelas brasileiras. Fizeram-me uma sabatina de

perguntas sobre atores e atrizes, alguns eu soube responder outros nunca tinha ouvido falar, tampouco sabia os folhetins aos quais pertenciam...

Todavia, as conversas foram gravadas, pude filmar o depoimento de cada uma e de todas juntas sobre o empreendimento. Começaram com uma diminuta cozinha fazendo os doces para serem vendidos nas Feiras tanto do Azinhal como nas Feiras adjacentes. Como o produto era de qualidade teve boa aceitação do público. Aumentaram a cozinha comprando uma casa ao lado, pois as encomendas e os produtos vendidos na pastelaria estavam sendo comercializados com êxito. Na entrevista disseram-me que acabaram de comprar a casa do outro lado da pastelaria a fim de ampliar a sala de atendimento ao público.

Contaram-me que todos esses anos tiveram altos e baixos. Nunca pensaram em desistir. Nos momentos mais difíceis refletiam sobre a necessidade de modernização dos equipamentos, de investimento e principalmente não se deixaram empolgar demais nas horas mais promissoras. Nesses momentos estavam sempre com os pés no chão e o pensamento no futuro da empresa.

Anabela me fez filmar e fotografar a poesia que havia feito sobre a trajetória delas e de fato, traduz o percurso que fizeram e a motivação para continuar com o empreendimento (Fig. 1 a 3):

Três meninas de olhos claros
Naturais da freguesia
Da Aldeia do Azinhal
Que é uma aldeia algarvía.

Na altura desempregadas
E que queriam trabalhar
Um curso de doçaria
E que veio mesmo a calhar.

Agarramos com vontade
Devagar e calmamente
Com os pés assentes no chão
E assim fomos pra frente.

Na aldeia do Azinhal
A Prova” pastelaria
Servem muito bons bolinhos
E atendem com simpatia.

E atendem com simpatia
Cá nesta aldeia pequena
A Anabela, a Eduarda e também a Madalena.

E assim fomos pra frente
E não queremos parar
Ainda somos tão jovens

Temos filhos para educar.

Não pensem que é fantasia
O que rimei é verdade
O lema da nossa casa
É justiça e lealdade.



Fig 1, 2 e 3: Fotos da Residência Social
Fonte: Arquivo Próprio

As dificuldades de lá, salvaguardadas as diferenças, também as encontramos aqui. Entretanto, temos um tecido social muito diferente de Portugal; principalmente quanto à relação de desigualdade social existente no Brasil. As pessoas que vivem aqui em estado permanente de vulnerabilidade social enfrentam desafios de outras ordens, como o tráfico de drogas, a violência, a falta de infraestrutura dos transportes, moradias, vias de acesso e esgotamento sanitário precários, além da falta de emprego e baixa escolaridade advinda da má qualidade do ensino público.

A Associação In Loco, apesar de pequena tem seu foco na árdua tarefa de disseminar o desenvolvimento local, no caso do Projeto Radial (e outros programas) o desenvolvimento da Serra do Caldeirão. Para tanto foi preciso muitas e variadas parcerias estabelecidas entre instituições privadas e públicas, incluindo as autarquias locais.

“É justo dizer que o impacto da In Loco não se fez sentir apenas em nível local. Muitas vezes as suas atividades, opiniões e publicações (brochuras, livros, revista, jornal mensal) tiveram algum impacto na legislação existente, no pensamento institucional e nos procedimentos administrativos”. (SANTOS, 2005)

Como toda instituição séria e competente (e também pequena!) as pessoas estavam sempre muito ocupadas, inseridas em atividades e viagens decorrentes das ações da instituição. Pude conversar com todos os que havia previsto no meu planejamento para a Residência (Priscila Soares, Nelson Dias, Luis Ferreira, Madalena, Eduarda, Anabela) e também com os que não previ (Manoel Soares, Graça Palma, Ana Sofia Dias, Eliete Bernardo, Estela Louçã, Felipa, Sandra) mas que foram igualmente importantes para a minha observação. Senti falta de apresentar para um número maior de pessoas da instituição o meu trabalho no Brasil. Mostrar-lhes as diferenças e as semelhanças tanto na metodologia dos projetos como na missão institucional.

Para quem eu apresentei o trabalho que desenvolvo no Calabar foi interessante ver as reações. As surpresas em conhecer as pessoas do Projeto Grãos e admirações em ver a situação vivida pelos moradores do Calabar. Comentaram sobre como era possível trabalhar em zonas com a disputa do tráfico de drogas à luz do dia, com a violência juvenil e com o número sem fronteiras de pessoas à margem da sociedade.

Senti falta de ter outros olhares nessa apresentação. Penso que ao acolher um residente a Instituição acolhedora esteja preparada para a bagagem que este traz consigo; pois, não há só o interesse em observar o campo visitado, mas também há histórias e experiências ricas que podem ser contadas, discutidas e acrescentadas. Afinal, a viagem da residência tem como pré-requisito muitas trocas! Fica então, o desejo e a análise para os possíveis acolhimentos futuros.

REFERÊNCIAS:

ASSOCIAÇÃO IN LOCO. Site. Disponível em: <<http://www.in-loco.pt/site/index.php>>. Acesso em: 10 ago. 2010.

BONDER, Nilton. **Tirando os sapatos:** o caminho de Abraão, um caminho para o outro. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

FRANÇA FILHO, Genauto Carvalho de; LAVILLE, Jean-Louis. **Economia Solidária:** uma abordagem internacional. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Produzir para viver:** os caminhos da produção não capitalista. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

SOARES, Maria Priscila. Formação para o Desenvolvimento. Faro: Associação IN LOCO, 2001.

WIKIPÉDIA, A ENCICLOPÉDIA LIVRE. **São Brás do Alportel:** história. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Br%C3%A1s_de_Alportel>. Acesso em: 20 jul. 2010.